

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Inovação e ciência

em

linguística,

letras e

artes

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos
(Organizador)

Inovação e ciência

em

*linguística,
letras e
artes*

Editora chefe

Profª Drª Antonella Carvalho de Oliveira

Editora executiva

Natalia Oliveira

Assistente editorial

Flávia Roberta Barão

Bibliotecária

Janaina Ramos

Projeto gráfico

Camila Alves de Cremo

Daphynny Pamplona

Gabriel Motomu Teshima

Luiza Alves Batista

Natália Sandrini de Azevedo

Imagens da capa

iStock

Edição de arte

Luiza Alves Batista

2022 by Atena Editora

Copyright © Atena Editora

Copyright do texto © 2022 Os autores

Copyright da edição © 2022 Atena Editora

Direitos para esta edição cedidos à Atena Editora pelos autores.

Open access publication by Atena Editora



Todo o conteúdo deste livro está licenciado sob uma Licença de Atribuição Creative Commons. Atribuição-Não-Comercial-NãoDerivativos 4.0 Internacional (CC BY-NC-ND 4.0).

O conteúdo dos artigos e seus dados em sua forma, correção e confiabilidade são de responsabilidade exclusiva dos autores, inclusive não representam necessariamente a posição oficial da Atena Editora. Permitido o *download* da obra e o compartilhamento desde que sejam atribuídos créditos aos autores, mas sem a possibilidade de alterá-la de nenhuma forma ou utilizá-la para fins comerciais.

Todos os manuscritos foram previamente submetidos à avaliação cega pelos pares, membros do Conselho Editorial desta Editora, tendo sido aprovados para a publicação com base em critérios de neutralidade e imparcialidade acadêmica.

A Atena Editora é comprometida em garantir a integridade editorial em todas as etapas do processo de publicação, evitando plágio, dados ou resultados fraudulentos e impedindo que interesses financeiros comprometam os padrões éticos da publicação. Situações suspeitas de má conduta científica serão investigadas sob o mais alto padrão de rigor acadêmico e ético.

Conselho Editorial**Linguística, Letras e Artes**

Profª Drª Adriana Demite Stephani – Universidade Federal do Tocantins

Prof. Dr. Alex Luis dos Santos – Universidade Federal de Minas Gerais

Profª Drª Angeli Rose do Nascimento – Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro

Profª Drª Carolina Fernandes da Silva Mandaji – Universidade Tecnológica Federal do Paraná

Profª Drª Denise Rocha – Universidade Federal do Ceará

Profª Drª Edna Alencar da Silva Rivera – Instituto Federal de São Paulo



Profª Drª Fernanda Tonelli – Instituto Federal de São Paulo,

Prof. Dr. Gilmei Fleck – Universidade Estadual do Oeste do Paraná

Profª Drª Keyla Christina Almeida Portela – Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Paraná

Profª Drª Miranilde Oliveira Neves – Instituto de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará

Profª Drª Sandra Regina Gardacho Pietrobon – Universidade Estadual do Centro-Oeste

Profª Drª Sheila Marta Carregosa Rocha – Universidade do Estado da Bahia



Inovação e ciência em linguística, letras e artes

Diagramação: Camila Alves de Cremo
Correção: Yaiddy Paola Martinez
Indexação: Amanda Kelly da Costa Veiga
Revisão: Os autores
Organizador: Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

I58 Inovação e ciência em linguística, letras e artes /
Organizador Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos. –
Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

Formato: PDF
Requisitos de sistema: Adobe Acrobat Reader
Modo de acesso: World Wide Web
Inclui bibliografia
ISBN 978-65-258-0035-6
DOI: <https://doi.org/10.22533/at.ed.356220104>

1. Linguística. 2. Letras. 3. Artes. I. Vasconcelos,
Adaylson Wagner Sousa de (Organizador). II. Título.

CDD 410

Elaborado por Bibliotecária Janaina Ramos – CRB-8/9166

Atena Editora
Ponta Grossa – Paraná – Brasil
Telefone: +55 (42) 3323-5493
www.atenaeditora.com.br
contato@atenaeditora.com.br



DECLARAÇÃO DOS AUTORES

Os autores desta obra: 1. Atestam não possuir qualquer interesse comercial que constitua um conflito de interesses em relação ao artigo científico publicado; 2. Declaram que participaram ativamente da construção dos respectivos manuscritos, preferencialmente na: a) Concepção do estudo, e/ou aquisição de dados, e/ou análise e interpretação de dados; b) Elaboração do artigo ou revisão com vistas a tornar o material intelectualmente relevante; c) Aprovação final do manuscrito para submissão.; 3. Certificam que os artigos científicos publicados estão completamente isentos de dados e/ou resultados fraudulentos; 4. Confirmam a citação e a referência correta de todos os dados e de interpretações de dados de outras pesquisas; 5. Reconhecem terem informado todas as fontes de financiamento recebidas para a consecução da pesquisa; 6. Autorizam a edição da obra, que incluem os registros de ficha catalográfica, ISBN, DOI e demais indexadores, projeto visual e criação de capa, diagramação de miolo, assim como lançamento e divulgação da mesma conforme critérios da Atena Editora.



DECLARAÇÃO DA EDITORA

A Atena Editora declara, para os devidos fins de direito, que: 1. A presente publicação constitui apenas transferência temporária dos direitos autorais, direito sobre a publicação, inclusive não constitui responsabilidade solidária na criação dos manuscritos publicados, nos termos previstos na Lei sobre direitos autorais (Lei 9610/98), no art. 184 do Código Penal e no art. 927 do Código Civil; 2. Autoriza e incentiva os autores a assinarem contratos com repositórios institucionais, com fins exclusivos de divulgação da obra, desde que com o devido reconhecimento de autoria e edição e sem qualquer finalidade comercial; 3. Todos os e-book são *open access*, *desta forma* não os comercializa em seu site, sites parceiros, plataformas de *e-commerce*, ou qualquer outro meio virtual ou físico, portanto, está isenta de repasses de direitos autorais aos autores; 4. Todos os membros do conselho editorial são doutores e vinculados a instituições de ensino superior públicas, conforme recomendação da CAPES para obtenção do Qualis livro; 5. Não cede, comercializa ou autoriza a utilização dos nomes e e-mails dos autores, bem como nenhum outro dado dos mesmos, para qualquer finalidade que não o escopo da divulgação desta obra.



APRESENTAÇÃO

Em **INOVAÇÃO E CIÊNCIA EM LINGUÍSTICA, LETRAS E ARTES**, coletânea de dez capítulos que une pesquisadores de diversas instituições, congregamos discussões e temáticas que circundam a grande área de Linguística, Letras e Artes e dos diálogos possíveis de serem realizados com as demais áreas do saber.

Temos, no presente volume, reflexões que explicitam essas interações. Nelas estão debates que circundam língua de acolhimento, português brasileiro, literatura, espaço feminino e geografia urbana, biografia, espaço urbano, literaturas africanas de língua portuguesa, ensino médio, cinema na pandemia de COVID-19, além de análise sobre o espectro autista.

Assim sendo, convidamos todos os leitores para exercitar diálogos com os estudos aqui contemplados.

Tenham proveitosas leituras!

Adaylson Wagner Sousa de Vasconcelos

SUMÁRIO

CAPÍTULO 1..... 1

LÍNGUA DE ACOLHIMENTO: DA ANÁLISE TERMINOLÓGICA À DEFINIÇÃO TERMINOGRÁFICA

Umberto Euzebio

Gabriel Dias Vidal Azevedo

Vânia Alves Beneveli

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3562201041>

CAPÍTULO 2..... 15

PRESENÇA/AUSÊNCIA DE ARTIGO DIANTE DE NOMES PRÓPRIOS E DE PRONOMES POSSESSIVOS NO PORTUGUÊS DO BRASIL (PB)

Odete Pereira da Silva Menon

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3562201042>

CAPÍTULO 3..... 27

LITERATURA EM REVISÃO: A PALAVRA DA CRÍTICA NUMA PERSPECTIVA HISTÓRICA

Aretusa Pontes Nascimento

Danielle Castro da Silva

Lina Mendes Bezerra Machado Freitas

Luciana Rocha Cavalcante

Luiz Máximo Lima Costa

Viviane Lima Coimbra

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3562201043>

CAPÍTULO 4..... 39

ESPAÇOS DO FEMININO E GEOGRAFIAS URBANAS NOS CONTOS DE ALICE MUNRO

Ana Maria Marques da Costa Pereira Lopes

Anabela Oliveira da Naia Sardo

Fátima Susana Mota Roboredo Amante

Susana Soares da Silva Rocha Relvas

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3562201044>

CAPÍTULO 5..... 58

ESCRITAS DE MARIGHELLA: PACTOS BIOGRÁFICOS EM LIVROS E DOCUMENTÁRIO

Luiz Claudio Ferreira

Sidney Barbosa

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3562201045>

CAPÍTULO 6..... 70

O BUGRE E A CIDADE: O ESPAÇO URBANO NA POESIA EM MANOEL DE BARROS

Mariana da Silva Santos

Renata Kelen da Rocha

Vilma da Silva Araújo

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3562201046>

CAPÍTULO 7..... 80

ESTUDO DA LITERATURA AFRICANA EM LÍNGUA PORTUGUESA NO CENÁRIO EDUCACIONAL BRASILEIRO NO ENSINO MÉDIO

Enmilany Duarte de Vasconcelos

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3562201047>

CAPÍTULO 8..... 92

O ENCONTRO ENTRE ESPECTADOR E REALIZADOR NOS FESTIVAIS DE CINEMA DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19

Talita Caselato

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3562201048>

CAPÍTULO 9..... 103

AVALIAÇÃO DA LITERATURA NACIONAL SOBRE O TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISTA

Carla Tavares Jordão

Flávia Luciana Costa

Zuleica Vieira Jordão

Elian Gomes

Rodrigo Aparecido Guimarães

Hingridi de Souza Bayer Gomes

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.3562201049>

CAPÍTULO 10..... 106

A MULHER MARAVILHA E O OLHAR MULTIMODAL

Ana Paula Fenelon

 <https://doi.org/10.22533/at.ed.35622010410>

SOBRE O ORGANIZADOR..... 117

ÍNDICE REMISSIVO..... 118

ESTUDO DA LITERATURA AFRICANA EM LÍNGUA PORTUGUESA NO CENÁRIO EDUCACIONAL BRASILEIRO NO ENSINO MÉDIO

Data de aceite: 01/03/2022

Enmilany Duarte de Vasconcelos

Graduada em Letras /UEA e pós-graduada em Metodologia de Ensino de Língua Portuguesa e Literatura (UNIASSELVI) professora da SEDUC/AM
<http://lattes.cnpq.br/4969604888455642>
Tefé/Amazonas

RESUMO: Esse artigo pretende abordar as influências culturais africanas em solo brasileiro, ressaltando a importância de se trabalhar a literatura africana dentro do ambiente escolar. Além da prática cultural diferenciada ressaltada, os africanos, ainda, incorporaram algumas práticas europeias e indígenas, além de, influenciá-los culturalmente. O intercâmbio cultural entre os elementos citados contribuiu para uma formação cultural afro - brasileira híbrida e bastante peculiar. A pesquisa bibliográfica forneceu a fundamentação teórica ao estudo. Dando preferência aos artigos, livros e trabalhos acadêmicos que abordassem temas de interesse ao assunto abordado. Após a coleta do referencial teórico e feito a catalogação das partes mais importantes que correspondam aos objetivos do estudo, foi feita uma discussão dos resultados para tirar as devidas conclusões e adaptações necessárias ao contexto do presente estudo, sendo feito uma análise de conteúdo.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura africana; Cultura; Linguística.

STUDY OF AFRICAN LITERATURE IN PORTUGUESE LANGUAGE IN THE BRAZILIAN EDUCATIONAL SCENARIO IN HIGH SCHOOL

ABSTRACT: This article intends to approach the African cultural influences on Brazilian soil, emphasizing the importance of working with African literature within the school environment. In addition to the differentiated cultural practice highlighted, the Africans also incorporated some European and indigenous practices, in addition to influencing them culturally. The cultural exchange between the aforementioned elements contributed to a very peculiar and hybrid Afro-Brazilian cultural formation. The bibliographic research provided the theoretical foundation for the study. Giving preference to articles, books and academic works that addressed topics of interest to the subject addressed. After collecting the theoretical framework and cataloging the most important parts that correspond to the objectives of the study, a discussion of the results was made to draw the necessary conclusions and necessary adaptations to the context of the present study, with a content analysis being carried out.

KEYWORDS: African Literature; Culture; Linguistics.

1 | INTRODUÇÃO

O Brasil é um país que se destaca pela sua pluralidade, refletida nos milhões de pessoas que vivem entre si, em sociedade. Os povos, as nações, os países e as características inerentes de cada um, são aspectos componentes do

universo que atualmente se é representado. Por isso, as contribuições trazidas com o passar dos tempos, inserem nas sociedades humanas, uma série de processos evolutivos, que são capazes de proporcionar inúmeras culturas.

Assim estão os africanos quando se destacam suas influências ocorridas diretamente na cultura brasileira. A teoria traz a afirmação de que este processo iniciou no século XVI, quando os mesmos foram transportados como escravos para o Brasil, devido ao tráfico negreiro. Uma época que relembra grandes horrores, uma vez que, os negros advindos da África, passaram por muitos sofrimentos.

Além da prática cultural diferenciada ressaltada, os africanos, ainda, incorporaram algumas práticas europeias e indígenas, além de, influenciá-los culturalmente. O intercâmbio cultural entre os elementos citados contribuiu para uma formação cultural afro - brasileira híbrida e bastante peculiar.

A pesquisa bibliográfica forneceu a fundamentação teórica ao estudo. Dando preferência aos artigos, livros e trabalhos acadêmicos que abordassem temas de interesse ao assunto abordado.

Após a coleta do referencial teórico e feito a catalogação das partes mais importantes que correspondam aos objetivos do estudo, foi feita uma discussão dos resultados para tirar as devidas conclusões e adaptações necessárias ao contexto do presente estudo, sendo feito uma análise de conteúdo.

A análise de conteúdo é uma forma de analisar a pesquisa descrevendo e interpretando o conteúdo de todo documento e texto apresentados. Esse do material em estudo, conduz a descrições sistemáticas, qualitativas ou quantitativas, ajudando a reinterpretar as mensagens e a atingir uma compreensão de seus significados mais importantes.

2 | DESENVOLVIMENTO

2.1 A chegada dos africanos no Brasil

De acordo com Mattoso (2013, p. 24) a África “tinha verdadeiros impérios organizados, com tribos e autoridades inquestionáveis, também lá se encontravam confederações tribais e cidades-pousadas com seus ricos mercados no caminho do ouro, das especiarias e do marfim”, o que fora praticamente dissolvido, graças ao tráfico de negros até o Brasil.

Segundo Antonil (1982, p. 89), os africanos vieram para cá, “no período colonial onde eram apontados como ‘os pés e as mãos’ dos senhores de engenho, já que sem este povo, não seria de fato, possível conservar e aumentar a produção da fazenda e muito menos ter engenho corrente”. Porém a grande contribuição dos africanos vai muito além do setor econômico, já que desde o início, os mesmos demonstraram ter uma cultura extremamente diversificada, o que se comprovou ao longo dos anos.

2.2 O significado de cultura

A palavra “cultura” entrou na língua inglesa a partir do latim *colere* que significava habitar, daí hoje, “colono” e “colônia”; *adorar* – hoje com sentido preservado em “culto”; e também cultivar – na acepção de cuidar, aplicado tanto na agricultura, como nos animais. “Cultura” e “civilização” são palavras a um só tempo descritivas e normativas: denotam o que é, mas, também o que deveria ser.

A ideia de cultura comum é apresentada como uma crítica e uma alternativa à cultura dividida e fragmentada em que vivemos. Trata-se de uma concepção baseada não só no princípio burguês de relações sociais radicadas na supremacia do indivíduo, mas no princípio alternativo da solidariedade que se identifica com a classe trabalhadora. Esse é o ponto de superação entre a cultura e a sociedade.

Segundo Santiago (2016), definir cultura é pronunciar-se sobre o significado do modo de vida. E apesar das flutuações ao longo da história, a definição de cultura em seus diferentes momentos, denotava uma categoria inclusiva, em que as particularidades se dissolviam em um termo maior que abarcava valores e significados mais gerais.

Gomes (2016, p.79) afirma que a cultura negra faz parte do modo de vida do brasileiro seja qual for o seu pertencimento étnico e “pode ser vista como uma particularidade cultural construída historicamente por um grupo étnico/racial específico, não de maneira isolada, mas no contato com outros grupos e povos”.

Como afirmam as próprias Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História da Cultura Afro-brasileira e Africana, o reconhecimento exige justiça e igualdade de direitos sociais, civis, econômicos e culturais, assim como “a adoção de políticas educacionais e de estratégias pedagógicas que valorizem a diversidade, visando superar a desigualdade étnico-racial presente na educação escolar brasileira, nos diferentes níveis de ensino” (BRASIL, 2004).

A história da cultura afro-brasileira e africana, assim como a problematização dos conceitos aqui referidos, também não tem recebido atenção e divulgação. Como todos os conceitos, eles precisam ser entendidos como categorias politicamente construídas ao longo da história por sujeitos e movimentos sociais que os trouxeram à tona (ou os recriaram) e os elegeram como fundamentais (NASCIMENTO, 2016, p. 46).

Afra descendência é o reconhecimento da existência de uma etnia de descendência africana. Esta etnia tem como base comum dos membros do grupo as diversas etnias e nações de origens africanas e o desenvolvimento histórico destes nos limites condicionantes dos sistemas predominantes do escravismo criminoso e capitalismo racista. Esta etnia não é única, é diversa, não se preocupa com graus de mescla inter-étnicas no Brasil, mas sim com a história. O conceito de Afrodescendência surge devido às controvérsias criadas sobre a existência ou não de uma identidade negra no Brasil. Esta identidade existe, entretanto ela não é única, não em uma coesão monolítica. Mas vejamos as identidades

europeias ou brancas no Brasil são admitidas como existentes, no entanto não passam pelos mesmos processos de questionamento que as identidades negras (CAVALLEIRO, 2016).

2.3 A influência da cultura africana no Brasil

Embora os africanos tivessem sido obrigados a se converterem ao catolicismo, aprendendo também a língua portuguesa, estes deixaram sua marca na religião, na cultura, na culinária, em expressões faladas, músicas, literatura e tantos outros aspectos. Além disso, parece ser importante destacar que povo africano foi efetivamente influenciador, no desenvolvimento de um todo, ocorrido no Brasil.

Ao longo do período colonial e monárquico brasileiro foi grande o contingente de escravos africanos no Brasil, visto que, constituía a maior mão - de - obra do período. A contribuição desses escravos foi além da participação econômica, uma vez que, foram inserindo suas práticas, seus costumes e seus rituais religiosos na sociedade Brasileira contribuindo, dessa forma para uma formação cultural peculiar no Brasil.

Segundo Freyre (2016, p. 390) os escravos, “vindos da área de cultura negra mais adiantada foram um elemento ativo, criador e quase que se pode acrescentar nobre da colonização do Brasil; degradados apenas pela sua condição de escravo”. No entendimento do autor, esses são efetivamente os responsáveis pelo crescimento e pelo desenvolvimento do Brasil colonial.

Importante, ressaltar que as práticas desses escravos africanos eram diferenciadas, pois eles eram oriundos de pontos diferentes do continente africano. De acordo com Vainfas (2011 p.66), durante o período colonial, quase nada se sabia sobre a origem étnica dos africanos traficados para o Brasil. Porém, ao longo do período passou-se a designá-los a partir da região ou porto de embarque, ou seja, das áreas de procedência.

Já para Moura (1987, p. 14) ocorreram serviços domésticos e urbanos em todas as regiões brasileiras, no entanto, o desenvolvimento nacional está assim definido:

Nordeste: desenvolvimento do plantio da cana-de-açúcar, de fumo, de cacau e algodão;

Rio de Janeiro e São Paulo: o trabalho nas fazendas de cana-de-açúcar e de café;

Minas Gerais, com irradiação para Mato Grosso e Goiás: o trabalho escravo voltado para a mineração.

Apesar da origem diversa dos escravos africanos, dois grupos se destacaram no Brasil: os Bantos e os Sudaneses. Os bantos foram assim, classificados devido à relativa unidade linguística dos africanos oriundos de Angola, Congo e Moçambique.

Por outro lado, Marcio Carvalho Ferreira (2009) em seu artigo “A Influência Africana no Processo de Formação da Cultura Afro-Brasileira”, complementa que durante um extenso período colonial e monárquico brasileiro, ocorreu uma grande incidência no número de

escravos chegados ao Brasil.

Vainfas (2011, p. 67) destaca que:

Os povos bantos predominaram entre os escravos traficados para o Brasil desde o século XVII, concentrando-se na região sudeste, mas espalhados por toda a parte, inclusive na Bahia. (...) Os Bantos oriundos do Congo eram chamados de *congo*, muxicongo, loango, cabina, monjolo, ao passo que os de Angola eram de massangana, cassange, loanda, rebolo, cabundá, quissamã, embaca, benguela.

Assim, no quadro 1 a seguir, pode-se visualizar, dois dos principais grupos de escravos vindos do continente africano:

GRUPOS	CARACTERÍSTICAS
BANTOS	<ul style="list-style-type: none">- Classificados devido à relativa unidade linguística dos africanos oriundos de Angola, Congo e Moçambique.- Depois de um primeiro período de autonomia religiosa, os bantos, “assistiram à transformação de seus cultos. Por um lado, esses deram lugar à macumba; por outro, amoldaram-se às regras dos candomblés nagôs, não se distinguindo deles senão por uma maior tolerância”.- Os cultos bantos em gradativo declínio, “acolheram os espíritos dos índios, o que iria levar ao surgimento de um ‘candomblé de cablocos’, e adotaram cantos em língua portuguesa, ao passo que os candomblés nagôs só usam cantos em língua africana”.
SUDANESES	<ul style="list-style-type: none">- Provenientes da África ocidental, Sudão e da Costa da Guiné, contribuíram culturalmente para a formação de uma identidade afro-brasileira, visto que muito de suas práticas culturais imperam atualmente como, por exemplo, o candomblé e a prática religiosa.

Quadro 1 – Características dos Bantos e dos Sudanese

Fonte: Dados Compilados pela Autora (2012)

Essa diversidade fez com os Bantos apresentassem uma especificidade cultural, notadamente na linguística, nos costumes e, principalmente, no campo religioso, que mesclou aspectos do cristianismo com suas tradições religiosas.

Na concepção da formação de um país, formado através dos conceitos de um Estado Democrático de Direito, o que se procura está no estabelecimento da liberdade como razão maior. No entanto, o que aparece quando da demonstração acontecida através da colonização brasileira, “mancha” os ideais ora requeridos, pois nestes, não se aceitam moldes quaisquer de privação da liberdade, menos ainda de escravidão.

De acordo com Kavinajé (2009, p. 3):

Os bantos, depois de um primeiro período de autonomia religiosa, que se conhece através de documentos históricos, assistiram à transformação de seus cultos. Por um lado, esses deram lugar à macumba; por outro, amoldaram-se às regras dos candomblés nagôs, não se distinguindo deles senão por uma maior tolerância. Os cultos bantos em gradativo declínio acolheram os espíritos dos índios, o que iria levar ao surgimento de um «candomblé de cablocos», e adotaram cantos em língua portuguesa, ao passo que os

candomblés nagôs só usam cantos em língua africana.

Assim, o que mais se deve constar neste momento, aparece nas influências que o povo africano tenha efetivamente trazido para o desenvolvimento social, econômico e cultural do Brasil. Mesmo por que, a história demonstra a grande capacidade contributiva que os africanos promoveram, não apenas por aqui, mas em boa parte do território mundial, através de sua rica cultura.

Já os sudaneses provenientes da África ocidental, Sudão e da Costa da Guiné, contribuíram culturalmente para a formação de uma identidade afro-brasileira, visto que muito de suas práticas culturais imperam atualmente como, por exemplo, o candomblé, prática religiosa dos escravos sudaneses. No Brasil estes grupos: bantos e sudaneses misturaram-se resultando em cruzamentos biológicos, culturais e religiosos.

Segundo Freyre (2011, p. 343) no que se refere às influências africanas, pode-se destacar:

[...] Quantas 'mães-pretas', amas de leite, negras cozinheiras e quitandeiras influenciaram crianças e adultos brancos (negros e mestiços também), no campo e nas áreas urbanas, com suas histórias, com suas memórias, com suas práticas religiosas, seus hábitos e seus conhecimentos técnicos? Medos, verdades, cuidados, forma de organização social e sentimentos, senso do que é certo e do que é errado, valores culturais, escolhas gastronômicas, indumentárias e linguagem, tudo isso conformou-se no contato cotidiano desenvolvido entre brancos, negros, indígenas e mestiços na Colônia.

De acordo com Paiva (2011, p.36):

Misturavam-se informações, assim como etnias, tradições e práticas culturais. Novas cores eram forjadas pela sociedade colonial e por ela apropriadas para designar grupos diferentes de pessoas, para indicar hierarquização das relações sociais, para impor a diferença dentro de um mundo cada vez mais mestiço. Da cor da pele à dos panos que a escondia ou a valorizava até a pluralidade multicolor das ruas coloniais, reflexo de conhecimentos migrantes, aplicados à matéria vegetal, mineral, animal e cultural.

Ainda de acordo com Freyre (2011, p. 346-348), a herança cultural africana é visível no jeito de andar e no falar do brasileiro, de maneira que, o autor identifica algumas destas influências e estas estão:

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra.

Na escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolengando na mão o bolão de comida.

Na negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado.

Na mulata que nos tirou o primeiro bicho- de- pé de uma coceira tão boa. De que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama-de-vento,

a primeira sensação completa de homem.

Nota-se que o cruzamento cultural entre estes povos africanos propiciou a construção de uma identidade cultural brasileira, ou cultura afro-brasileira. Uma vez que, eles não temeram em “inventar códigos de comportamentos e de recriarem práticas de sociabilidade e culturais” (PAIVA, 2011, p.23). Assim, este cruzamento foi resultado de um longo processo que propiciou uma riqueza cultural peculiar ao Brasil.

Observa-se ainda Freyre que, a influência africana foi além da cozinha e da mesa, chegando até a cama. Pois era comum a iniciação sexual do “senhorzinho” branco ocorrer com uma escrava. Comum também era a prática de feitiços sexuais e afrodisíacos pelos escravos, pois foi na “perícia e no preparo de feitiços sexuais e afrodisíacos que deu tanto prestígio a escravos macumbeiros juntos a senhores brancos já velhos e gastos” (FREYRE, 2011, p. 343).

De acordo com Paiva (2011, p.27), pode-se caracterizar este cruzamento cultural como resultante de uma aproximação entre universos geograficamente afastados, em hibridismos e em impermeabilidades, em (re)apropriações, em adaptações e em sobreposição de representações e de práticas culturais.

Por outro lado, Paiva (2011, p. 185) destaca que, além de toda essa caracterização, outro acontecimento foi importante para o desenvolvimento da cultura africana e esse encontra-se no “intercâmbio cultural entre os negros africanos, indígenas e portugueses”. Segundo o autor, “as trocas culturais e os contatos entre povos de origem muito diversa é algo que, então, fazia parte do dia-a-dia colonial, desde a chegada dos portugueses. Isto, porque, era ampla a vivência cultural da população negra no Brasil colonial”.

Assim, a influência africana foi se tornando visível em vários seguimentos da sociedade colonial, tais como culinária, práticas religiosas, danças, dentre outros valores culturais que foram incorporados pela população brasileira.

Neste sentido, criou-se a denominação conhecida através deste intercâmbio cultural, da existência da cultura afro-brasileira. Isso por que, depois de se visualizar todas as influências sofridas pela sociedade brasileira, seja ela preconizada pelas culturas africanas, ou indígena, ou ainda europeia, não se pode negar que, o crescimento do Brasil como país deveu-se a tantas importantes contribuições.

Sobre a influência africana Freire (2011, p. 343) destaca que:

Quantas “mães-pretas”, amas de leite, negras cozinheiras e quitandeiras influenciaram crianças e adultos brancos (negros e mestiços também), no campo e nas áreas urbanas, com suas histórias, com suas memórias, com suas práticas religiosas, seus hábitos e seus conhecimentos técnicos? Medos, verdades, cuidados, forma de organização social e sentimentos, senso do que é certo e do que é errado, valores culturais, escolhas gastronômicas, indumentárias e linguagem, tudo isso conformou-se no contato cotidiano desenvolvido entre brancos, negros, indígenas e mestiços na Colônia.

Conforme Paiva (2011, p.39-41) a formação cultural:

[...] Não se deu de forma linear, uniforme e harmônica. Muitos foram os conflitos, as adaptações e os arranjos ao longo do período. É evidente que não estou sugerindo uma formação linear desse universo cultural, nem estou emprestando-lhe uma harmonia, que, de fato, pouco existiu. Tanto seu processo de formação quanto a convivência no interior dele se deram (e se dão) de maneira conflituosa na maioria das vezes, embora haja, também, adaptações constantes, arranjos e acordos que visam a sua preservação. [...] A conformação e a preservação do universo cultural dão-se, então, através das aproximações e afastamentos, das interseções, da intervenção de espaços individuais e coletivos, privados e comuns, que envolvem dimensões do viver tão diversas quanto à do material, da utensilagem e das técnicas; dos costumes e tradições, das práticas e das representações culturais; da mitologia e da religião; do físico e concreto, do psicológico e imaginário; da linguagem e das escritas; da dominação, da resistência e do trânsito entre elas: da temporalidade e da espacialidade; das continuidades e das descontinuidades; da memória e da história. Tudo implicado com os campos da política e do econômico, provocando mutuamente contínuas reordenações e construções sociais.

Ainda de acordo com Freyre (2011, p. 346), a nossa herança cultural africana é visível no jeito de andar e no falar do brasileiro, pois:

Na ternura, na mímica excessiva, no catolicismo em que se deliciam nossos sentidos, na música, no andar, na fala, no canto de ninar menino pequeno, em tudo que é expressão sincera de vida, trazemos quase todos a marca da influência negra. Da escrava ou sinhama que nos embalou. Que nos deu de mamar. Que nos deu de comer, ela própria amolegando na mão o bolão de comida. Da negra velha que nos contou as primeiras histórias de bicho e de mal-assombrado. Da mulata que nos tirou o primeiro bicho- de- pé de uma coceira tão boa. De que nos iniciou no amor físico e nos transmitiu, ao ranger da cama- de- vento, a primeira sensação completa de homem. Do muleque que foi o nosso primeiro companheiro de brinquedo. (FREYRE (2011, p. 348)

Ou seja, o autor revê os conceitos prontos e aponta que, a formação cultural, ocorreu de modo compacto. Uma vez que, são apontados os aspectos inerentes a religião, a linguagem, a escrita, a política e a economia, dentre outros, que foram representativos de uma trajetória de crescimento e desenvolvimento.

Observa-se que de acordo com a citação acima a influência africana foi além cozinha e da mesa, chegando até a cama, pois era comum a iniciação sexual do “senhorzinho” branco ocorrer com uma escrava. Comum também era a prática de feitiços sexuais e afrodisíacos pelos escravos, pois foi na “perícia e no preparo de feitiços sexuais e afrodisíacos que deu tanto prestígio a escravos macumbeiros juntos a senhores brancos já velhos e gastos.” Freyre (2011, p. 343),

Como informa Bastide, a África enviou ao Brasil:

Negros criadores e agricultores, homens da floresta e da savana, portadores de civilizações de casas redondas e outras de casas retangulares, de civilizações totêmicas, matrilineares e outras patrilineares, pretos conhecendo vastos reinados, outros não tendo mais que uma organização tribal, negros islamizados e outros “animistas”, africanos possuidores de sistemas religiosos

politeístas e outros, sobretudo, adoradores de ancestrais de linhagens (1985, pp. 67-69).

A influência do escravo negro na vida sexual da família brasileira é destacada por, Freyre (2011, p. 381), assim:

(...) O grosso das crenças e práticas da magia sexual que se desenvolveram no Brasil foram coloridas pelo intenso misticismo do negro; algumas trazidas por ele da África, outras africanas apenas na técnica, servindo-se de bichos e ervas indígenas. Nenhuma mais característica que a feitiçaria do sapo para apressar a realização de casamentos demorados. O sapo tornou-se também, na magia sexual afro-brasileira, o protetor da mulher infiel que, para enganar o marido, basta tomar uma agulha enfiada em retrós verde, fazer com ela uma cruz no rosto do individuo adormecido e coser depois os olhos do sapo.

Também as canções de berço portuguesas, modificou-se a boca da ama negra, alterando nelas palavras; adaptando-as às condições regionais; ligando-as às crenças dos índios e às suas. Assim a velha canção “escuta, escuta menino” aqui amoleceu-se em “durma, durma, meu filhinho”, passando Belém de “fonte” portuguesa, a “riacho” brasileiro de acordo com Freyre (2011, p. 380).

Observa-se que as amas apropriaram-se das canções de origem portuguesa e as recriaram, dando um toque especial, o toque africano. Isso é perceptível na «infantilização» das palavras das canções.

Segundo Freyre (2011, p. 382), “a linguagem infantil também aqui se amoleceu ao contato da criança com a ama negra. Algumas palavras, ainda hoje duras ou acres quando pronunciadas pelos portugueses, se amaciaram no Brasil por influência da boca africana. Da boca africana aliada ao clima - outro corruptor das línguas européias, na fervura por que passaram na América tropical e subtropical.

Deste modo, foi se delineando a língua falada no Brasil, a língua portuguesa que foi amplamente influenciada pelo modo de falar dos escravos africanos.

A ama negra fez muitas vezes com as palavras o mesmo que com a comida: machucou-as, tirou-lhes as espinhas, os ossos, as durezas, só deixando para a boca do menino branco as sílabas moles. Daí esse português de menino que no norte do Brasil, principalmente, é uma das falas mais doces deste mundo. Sem rr nem ss; as sílabas finas moles; palavras que só faltam desmanchar-se na boca da gente. A linguagem infantil brasileira, e mesmo a portuguesa, tem um sabor quase africano: *cacá, bumbum, tentén, nenén, tatá, papá, papapo, lili, mimi* (...) Amolecimento que se deu em grande parte pela ação da ama negra junto à criança; do escravo preto junto ao filho do senhor branco. Os nomes próprios foram dos que mais se amaciaram, perdendo a solenidade, dissolvendo-se deliciosamente na boca dos escravos.

Nota-se que o intercâmbio cultural entre os negros africanos, indígenas e portugueses foram intensos, notadamente na língua, costumes, modos, comidas, forma de pensar e práticas religiosas. De acordo com Paiva (2011, p. 185) As trocas culturais e os

contatos entre povos de origem muito diversa é algo que, então, fazia parte do dia - a - dia colonial, desde a chegada dos portugueses. Isto, porque, era ampla a vivência cultural da população negra no Brasil colonial, refletindo amplamente na sociedade do período.

Deste intercâmbio cultural formou-se a cultura afro-brasileira, sendo visível à influência africana em todos os aspectos da sociedade brasileira, não sendo possível desvincular a cultura brasileira da africana, da indígena ou da europeia.

Para Paiva (2011, p.39) a formação cultural não se deu de forma linear, uniforme e harmônica. Muitos foram os conflitos, as adaptações e os arranjos ao longo do período.

É evidente que não estou sugerindo uma formação linear desse universo cultural, nem estou emprestando-lhe uma harmonia, que, de fato, pouco existiu. Tanto seu processo de formação quanto a convivência no interior dele se deram (e se dão) de maneira conflituosa na maioria das vezes, embora haja, também, adaptações constantes, arranjos e acordos que visam a sua preservação segundo Paiva (2011, p. 41).

A preservação dessas práticas culturais ocorreu através de aproximações e afastamentos conforme ideia defendida por Paiva (2011, p.40):

A conformação e a preservação do universo cultural dão-se, então, através das aproximações e afastamentos, das interseções, da intervenção de espaços individuais e coletivos, privados e comuns, que envolvem dimensões do viver tão diversas quanto à do material, da utensilagem e das técnicas; dos costumes e tradições, das práticas e das representações culturais; da mitologia e da religião; do físico e concreto, do psicológico e imaginário; da linguagem e das escritas; da dominação, da resistência e do trânsito entre elas: da temporalidade e da espacialidade; das continuidades e das descontinuidades; da memória e da história. Tudo implicado com os campos da política e do econômico, provocando mutuamente contínuas reordenações e construções sociais.

Desse modo, observa-se a formação e a preservação de uma identidade cultural, bastante plural devido às influências: europeia, africana e indígena, favorecendo uma riqueza cultural bastante peculiar. Estas peculiaridades multiculturais manifestaram-se, principalmente, na língua, culinária, música, dança, religião, dentre outros.

2.4 Literatura africana no Brasil

Miranda (2011) fala sobre a influência que a literatura tem sobre a formação identitária considerando a história literária da nação e como as séries literárias, ao coincidirem com as séries sociais, completam o processo de construção dessa identidade:

Uma história literária progressista seria, pois, aquela que, forjada pelo espectro do nacional e baseada na metáfora do crescimento orgânico, tenta fazer coincidir a série literária e a série social, tendo em vista um conceito de representação que trabalha com a "imediatez" dos traços do lugar para compor e definir os valores constitutivos da sua identidade. (MIRANDA, 2011, p.16)

Em princípio, literaturas africanas deveriam ser compreendidas simplesmente como

literatura. Como qualquer literatura, ela é um produto da vida social e, como tal, surge em contextos específicos (sempre vinculados aos processos de modernização e urbanização), transforma-se, diversifica-se, assume novas formas, cria estilos, etc. Em África, como decorrência do processo de colonização, a literatura parece ter assumido uma posição especial: ela teria ocupado o lugar da antropologia, produzindo etnografias sobre o que seria o continente e os seus habitantes (SOARES, 2011).

O ensino das Literaturas Africanas nas escolas dá a oportunidade à sociedade estudantil brasileira, a terem um conhecimento não só da luta de resistência do povo negro, mas também de escritos realizados de várias situações envolvendo um escritor africano e personagens africanos.

Nesse sentido, Literatura Africana, que por muito tempo foi marginalizada, talvez pelos resquícios de posturas colonizadoras eurocêntricas que a consideram literatura menor, hoje representa um importante papel para o universo literário assim como para educação, não somente pela obrigatoriedade imposta pela Lei 10.639/03, mas pela necessidade de se (re)estabelecer uma conexão entre o Brasil e a África, essencial para um entendimento e construção identitária do povo brasileiro que deve estar centrada na valorização do negro e no combate ao preconceito, referindo-se à luta dos negros do Brasil, à cultura negra brasileira e ao negro na formação da sociedade brasileira, assim como consta na lei supracitada que trata do ensino da História da África e dos africanos. Por esse prisma, tais conteúdos foram dispostos pelo Ministério da Educação com o intuito de criar “um conjunto de medidas e ações com o objetivo de corrigir injustiças, eliminar discriminações e promover a inclusão social e a cidadania para todos no sistema educacional brasileiro” (Diretrizes Curriculares Nacionais, 2005, p. 5 *apud* PEREIRA, 2010, p. 21).

3 | CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com a conclusão do presente trabalho de conclusão de curso pode-se afirmar sem dúvida nenhuma que este povo trouxe inúmeras influências para o Brasil tais como na culinária, na dança, nas artes dentre outros. Uma rica cultura que é passada de gerações para gerações é que com certeza somente vêm agregar valores e crenças para o nosso país.

A escravidão e o sistema colonial contribuíram para que muitas atrocidades fossem cometidas, mas não foram suficientes para exterminar a cultura de uma nação. E parece não ter sido capaz de abalar a dignidade de um povo merecedor da honra que carrega em seus traços.

REFERÊNCIAS

ANTONIL, André João. Cultura e Opulência do Brasil. 3. ed. Belo Horizonte: Itatiaia, 1982. (Reconquista do Brasil; nova ser., 70). 239 p.

FERREIRA, Marcio Carvalho. A Influência Africana no Processo de Formação da Cultura Afro-Brasileira. Disponível em: www.google.com.br. Acessado em: 10 jun 2019.

FREYRE, Gilberto. Casa-Grande & Senzala. 43 eds. Rio de Janeiro: Record, 2011.

KAVINAFÉ, Tata Kisaba: O sacrifício do povo africano cultura Afro - Americana. Acesso em 28 jan. 2009.

MATTOSO, Kátia Maria Queiros. Ser Escravo no Brasil. Tradução: James Amado. São Paulo: Brasiliense, 2013. 267 p.

MIRANDA. Wander Melo. Nações literárias. Cotia: Ateliê Editorial, 2011.

MOURA, Clóvis. Quilombos – Resistência ao Escravismo. São Paulo: Ática, 1987.

PAIVA, Eduardo França. Escravidão e Universo Cultural na Colônia. Minas Gerais: UFMG, 2011. 285 p.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. Malungos na escola: questões sobre culturas afrodescendentes e educação. São Paulo: Paulinas, 2010. – (Coleção educação em foco. Série educação, história e cultura)

SOARES, Eliane Veras. Literatura e estruturas de sentimento: fluxos entre Brasil e África. Soc. estado. Brasília, v. 26, n. 2, p. 95-112, Ago. 2011 .

VAINFAS, Ronaldo. Dicionário do Brasil Colonial (1500-1808). Rio de Janeiro: Objetiva, 2011.

ÍNDICE REMISSIVO

A

Artes 33, 90, 92

B

Biografia 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 65, 66, 67, 68, 75

C

Cidade 23, 39, 41, 45, 46, 49, 68, 70, 71, 72, 73, 76, 77, 92, 95, 96

Ciência 13, 33, 34, 35, 36, 93, 95

Cinema 58, 59, 60, 63, 64, 65, 66, 67, 92, 93, 96, 98, 99, 100, 101

COVID-19 92, 93, 94, 95, 97, 102

Crítica 27, 29, 35, 36, 37, 40, 41, 42, 43, 44, 60, 79, 82, 112, 117

E

Ensino médio 24, 80

Espaços do feminino 39, 42, 54

Espaço urbano 48, 53, 70

Espectro autista 103, 104, 105

G

Geografias urbanas 39, 42

I

Inovação 40

L

Letras 13, 14, 15, 27, 31, 37, 68, 78, 79, 80, 113, 117

Língua de acolhimento 1, 2, 3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 12, 13, 14

Linguística 1, 3, 4, 5, 8, 13, 20, 25, 26, 42, 80, 83, 84, 113, 115, 117

Literatura 27, 28, 29, 31, 32, 35, 36, 37, 39, 40, 41, 42, 44, 54, 56, 58, 60, 71, 79, 80, 83, 89, 90, 91, 103, 104, 105, 117

N

Nomes 9, 10, 11, 15, 16, 17, 18, 20, 23, 25, 28, 41, 88

P

Pandemia 92, 93, 94, 95, 96, 97, 98, 101, 102

Perspectiva histórica 27

Poesia 35, 36, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 78

Português brasileiro 26

Pronomes possessivos 15, 16, 19

T

Terminográfica 1, 2, 9, 12

Terminológica 1, 8, 9

Inovação e ciência

em

*linguística,
letras e
artes*

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br

Inovação e ciência

em

linguística,

letras e

artes

-  www.atenaeditora.com.br
-  contato@atenaeditora.com.br
-  [@atenaeditora](https://www.instagram.com/atenaeditora)
-  www.facebook.com/atenaeditora.com.br